



CAMINHOS POSSÍVEIS PARA A FORMAÇÃO DO LEITOR: UM OLHAR PARA AS LITERATURAS AFRICANAS

Data de recebimento: 18/06/2016

Aceite: 05/08/2016

Gisele Meire Tita Nazário da SILVA (SEDUC/MT) ¹

Resumo: O presente texto é um recorte do terceiro capítulo da dissertação apresentada ao Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS), que teve como proposta uma intervenção teórico-metodológica realizada com alunos do 8º ano do Ensino Fundamental em uma escola no município de Várzea Grande, no Estado de Mato Grosso. Com o objetivo de desenvolver estratégias para a leitura do texto literário africano, nesse caso, o romance “Bom dia Camaradas” do escritor angolano Ondjaki, a partir das temáticas infância e escola, estabelecer um diálogo com outros textos e materiais que possam expandir o repertório de leitura dos alunos e desmistificar essa visão quase que cristalizada que se tem de África. Baseia-se na perspectiva metodológica do Letramento Literário, por meio da estratégia da sequência básica que abre possibilidades para um enfoque intertextual. Os diários de leitura, instrumento utilizado para auxiliar os alunos na sistematização das impressões e análise da obra, serviram também como material de análise para este trabalho. A execução da proposta de intervenção demonstra que, a experiência do trabalho com o texto literário constituiu-se em rico aprendizado para ambas as partes, tanto para o professor quanto para o aluno, uma vez que a literatura permite saber da vida por meio da experiência do outro, como também vivenciar essa experiência. Nesse sentido, a abordagem das literaturas africanas, inaugura o conhecimento de novos textos e contextos, apontando uma abertura para a diversidade. Entende-se que deva haver uma reestruturação nos currículos escolares, com vistas à introdução desses novos conteúdos, mas também, e sobretudo deve-se emergir problematizações, redirecionamentos conceituais e metodológicos, capazes de implicar em ações concretas e capazes de desconstruir significações e representações presentes nos conteúdos didáticos e no espaço escolar.

Palavras-chave: Leitura. Texto literário. Literaturas Africanas.

Abstract: The present text is a cut from the third chapter of the dissertation presented to the Professional Master's Degree in Letters (PROFLETRAS), which had as proposal a theoretical-methodological intervention carried out with students of the 8th year of elementary school in a school in the municipality of Várzea Grande, In the State of Mato Grosso. In order to develop strategies for reading the African literary text, in this case, the novel "Good day Comrades" by the Angolan writer Ondjaki, based on the themes of childhood and school, establish a dialogue with other texts and materials that can expand the

¹ Mestre em Letras – ProfLetras/UNEMAT, Especialista em Relações Raciais e Educação na Sociedade Brasileira pelo NEPRE/UFMT. Professora de Língua Portuguesa da Rede Estadual, lotada na Escola Jaime Veríssimo de Campos Júnior- Jaiminho – Várzea Grande/MT.



repertoire Of reading the students and demystify this almost crystallized vision that one has of Africa. It is based on the methodological perspective of Literary Literacy, through the strategy of the basic sequence that opens possibilities for an intertextual approach. The reading journals, an instrument used to help students in the systematization of the impressions and analysis of the work, also served as an analysis material for this work. The implementation of the intervention proposal demonstrates that the experience of working with the literary text has been a rich learning for both parties, both for the teacher and for the student, since the literature allows us to know about life through experience On the other, as well as experiencing this experience. In this sense, the approach of African literatures inaugurates the knowledge of new texts and contexts, pointing out an openness to diversity. It is understood that there must be a restructuring in the school curricula, with a view to the introduction of these new contents, but also, and above all, one must emerge problematizations, conceptual and methodological redirects, capable of implying concrete actions capable of deconstructing meanings and present representations In the didactic contents and in the school space.

Keywords: Reading. Literary text. African Literatures.

1. Introdução

Ser professor, no atual cenário da educação brasileira, não é uma tarefa fácil e os desafios são enormes. A formação que julgávamos necessária já não basta e o tempo que disponibilizamos para nossos estudos são curtos demais. Fora isso, há ainda a desvalorização profissional, a sobrecarga de trabalho e algumas vezes uma série de questões estruturais que acabam prejudicando o trabalho pedagógico. No entanto, na mesma medida que temos os desafios lançados, temos, por outro lado, ações se desenvolvendo para dar conta dessas problemáticas anunciadas. Pesquisas, projetos e propostas na área da educação, cresceram muito com intuito de averiguar e amenizar tais problemáticas.

O considerável aumento nos estudos e pesquisas voltados para a leitura, principalmente a leitura literária, é fator positivo e necessário, no entanto, parecem não conseguir afetar significativamente as práticas no interior da escola. Quando falamos em ensino de Literatura contexto escolar, muitas vezes nos deparamos com pensamentos equivocados, que concebem o ensino de maneira descontextualizada. A leitura do texto literário é utilizada como pretexto para ensinar conteúdos diversos, para dramatizações ou aferição da leitura do aluno, perdendo-se de vista a apreciação do texto, a relação deste com o nosso mundo e as possíveis construções de sentido que ele nos oferece. Vista dessa forma, a Literatura torna-se desinteressante e enfadonha, e o leitor perde a oportunidade de usufruir do universo mágico e plurissignificativo que os textos oportunizam.

Entendemos que o ensino da literatura na escola contribui efetivamente para a ampliação da autonomia intelectual e perspectiva crítica do aluno, capaz de levá-lo ao



conhecimento e à transformação. Apoiamo-nos no pensamento de Candido (2004, p. 180), de que “A literatura desenvolve em nós a quota da humanidade na medida que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante”, pois quando entramos no mundo das observações e reflexões de um texto poético, ou quando nos deliciamos das dores e das alegrias do personagem de uma narrativa, estamos colocando-nos no lugar do outro. Esse outro pode nos ensinar a respeitá-lo, a compreendê-lo e valorizá-lo e, assim, levar-nos ao próprio conhecimento. Nas palavras de Abreu, essa experiência de “Alargar o conhecimento da própria cultura e o interesse pela cultura alheia pode ser um bom motivo para ler e estudar literatura” (ABREU, 2006, p. 112).

É justamente no sentido de pensar o outro que este trabalho se propõe. Além da problemática da leitura, percebemos que no ambiente escolar, encontrávamos com bastante frequência, atitudes racistas e discriminatórias por parte de alguns alunos. Com a perspectiva deixada após a promulgação da Lei 10639/03, que obriga as escolas a incluírem a história e a cultura africana nos currículos, achamos pertinente fazer um trabalho que pudesse abarcar essa temática. Nesse sentido, decidimos optar pelo trabalho com as Literaturas Africanas de Língua Portuguesa como forma de mostrar aos alunos o outro lado da nossa história, tínhamos conhecimento da relação histórica e umbilical entre Brasil e África, e nossos alunos também podiam conhecer, para, deste modo, respeitar e valorizar. “A escola, dado à sua legitimidade no que tange ao caráter formativo, é o *locus* privilegiado para se agenciar as alterações de base dessa realidade”. (SOUZA, 2010, p.129, grifos da autora). Conhecer um pouco da África seria porta de entrada para entendermos a história brasileira e também a humanidade.

Com base no que foi expresso anteriormente, a seguir, detalhamos a formulação da proposta de intervenção por nós idealizada.

2. A proposta

Sabemos que um dos problemas que a escola enfrenta é a ausência de práticas de leitura, principalmente da leitura literária, nas salas de aulas. De fato, a formação do leitor se configura um dos obstáculos mais difíceis de se transpor, tendo em vista os mais variados percalços que encontramos pela nossa caminhada. Os fatores vão desde a dificuldade de motivação dos educandos até a participação da família no aprendizado do aluno. Causas sintomáticas de um sistema político que ainda privilegia uma minoria dominante. Zilberman (2008, p. 14) aponta que o empobrecimento das escolas públicas é visível em todo o país e isso evidencia a diferença entre as instituições de ensino destinadas à classe pobre e as que



atendem as camadas superiores. Ao professor de língua portuguesa cabe tantas funções, como alfabetizar, ensinar o código escrito, formar leitores qualificados de textos literários, são tantas funções e em condições muitas vezes precária, que alcançar resultados positivos acaba tornando-se difícil e cansativo.

Tomemos como exemplo, a nossa realidade, para mostrarmos a visão que os alunos têm do texto literário. Reportemos aos nossos primeiros dias de aula, quando, na semana de sondagem nas turmas de 8º e 9º anos, sempre perguntávamos aos alunos a relação que eles tinham com a leitura, a princípio a leitura de variados textos e posteriormente, a leitura de textos literários. A maioria das respostas passava pela leitura de gibis, revistas de vários assuntos, porém, quando se tratava de texto literário a resposta se dava com questionamentos do tipo: como assim, professora? O que é o texto literário? Ler um livro inteiro? Era perceptível o descompasso, o texto literário, mesmo que existente desde o início da escolarização da criança através dos materiais didáticos, não recebe o tratamento adequado e acaba perdendo sua verdadeira função. Soares (2003, p. 43) afirma que, ao ser transferido do livro de literatura infantil para o livro escolar, o texto literário deixa de ser um texto para emocionar, para divertir, para dar prazer, torna-se um texto *para ser estudado*. Estava aí, um dos problemas relacionados ao ensino da literatura, o texto literário, transformar-se em simples material de leitura e estudos gramaticais.

Nesse percurso, verificou-se que, além da problemática com a leitura do texto literário, o ambiente escolar era carregado de estigmas e ofensas em relação às crianças negras. Tal atitude chamava atenção, visto que a Lei 10639/03 fora sancionada justamente para combater atitudes discriminatórias e racistas na sociedade que vivemos. O espaço escolar é um lugar de diferenças. Nele, encontramos diversas maneiras de pensar, agir, de ser, de religião, raça e sexo toda essa diversidade deve ser valorizada, respeitada e não pode, de maneira alguma, criar barreiras no aprendizado do aluno, ao contrário, devemos explorar essas diferenças para que sirvam de motivo para a inclusão. Brigas tidas como inocentes e sem maldades, mas que no fundo marcam e podem trazer consequências danosas ao futuro do indivíduo em formação, precisam ser percebidas como sinais de algum problema. Se é justamente no espaço escolar, local propício para o respeito e equidade, que nossas crianças negras têm sentido os primeiros impactos de discriminação e preconceito, alguns questionamentos vieram à tona: como fazer para amenizar tal quadro? Como melhorar a nossa prática pedagógica com vistas a promover na sala de aula um ambiente de respeito às diversidades?



Era o momento propício para realizarmos um trabalho interessante que pudesse contemplar a implementação da Lei 10.639/03 - hoje substituída pela Lei 11.645/08 que a modifica ao estabelecer as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “*História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena*”, com isso, estaríamos, de fato, ultrapassando o discurso recheado com valores como igualdade e respeito às diferenças e efetivando, na prática, ações que fossem eficazes na resolução de tais questões. Isso porque “Pensar a diferença não significa pactuar com e/ou referendar o essencialismo, mas gritar a existência de um múltiplo que, como faca amolada, corta qualquer possibilidade de o mesmo construir-se como única verdade”. (PADILHA, 2002, p 59).

A partir desse contexto, e após muitas reflexões e conversas com os colegas e com a orientadora do trabalho, resolvemos que trabalharíamos com a literatura, visto que o ensino desta está estritamente ligada à leitura. De acordo com Bordini e Aguiar (1988, p.13): “Todos os livros favorecem a descoberta dos sentidos, mas são os literários que o fazem de modo mais abrangente”. E, para pensar a África, resolvemos que utilizaríamos textos de autores das literaturas africanas de língua portuguesa, com o intuito de desfazer alguns estereótipos e abandonar ideias preconcebidas a respeito de África, ideias estas que mostram o continente africano como um bloco homogêneo e uniforme, que durante séculos, fora sufocado por uma sujeição política, econômica e social. Conhecer as diferentes raízes de nossa formação tornar-se-ia necessário e relevante para que nossos alunos pudessem adquirir novas posturas diante da vida, do mundo e das pessoas.

Escolhemos trabalhar com o romance *Bom dia, camaradas* do escritor Ondjaki. A narrativa traz a voz de um menino que conta sua infância na Angola pós-independente, e como cenário principal temos a escola. De modo que optamos por focar as temáticas: infância e escola, como forma de aproximar os alunos da realidade vivida pelo narrador-personagem e mostrar-lhes que

Ao mergulhar na leitura, entra em outra esfera, mas não perde o sentido do real e aí está, a nosso ver, a função mágica da literatura: através dela vivemos outra realidade, com suas emoções e perigos, sem sofrer as consequências daquilo que fazemos e sentimos enquanto lemos (AGUIAR, 2003, p.254).



Além da leitura do romance, outros materiais subsidiariam nossa caminhada e dariam suporte aos nossos intervalos. Interessa dizer que, a proposta teórica metodológica foi delineada por meio da estratégia presente no livro *Letramento Literário: Teoria e Prática*, de Rildo Cosson (2014), tendo em vista a possibilidade que a sequência básica, proposta por Cosson, abre para o enfoque intertextual, contemplando outras artes e saberes e passa pela leitura compartilhada, pois ao comentar sua experiência com outros leitores, os alunos ampliarão seus horizontes de sentido. De acordo com Colomer (2007, p.139): “A aprendizagem da literatura realiza-se assim, em meio a um grande desenvolvimento social de construção compartilhada do significado”. Cunha (2010, p. 110) assinala que práticas de leitura sob esse modo de orientação oferecem ao leitor possibilidades de estabelecer relações com seus próprios conhecimentos e experiências prévias, com outros textos lidos, com o contexto histórico e adequação ao meio em que vive.

Como a leitura do texto literário tem a possibilidade de despertar no aluno a autonomia para desenvolver suas leituras, seus interesses e ritmos próprios, escolhemos trabalhar com o diário de leitura. É por meio dele que perceberemos o envolvimento do aluno com a obra lida, suas impressões, e a visão que se tem a respeito do que está sendo lido. Note-se, que neste caso, o gesto de escrever, sintetizar e refletir sobre o material lido, vai muito além dos exercícios de perguntas e respostas, ou de fichamentos e resumos, práticas muitas vezes utilizadas para avaliar o conhecimento do aluno frente ao texto literário. Visto dessa maneira, o diário de leitura adquire um valor maior, pois acompanhará todo o processo de leitura e trará toda a bagagem adquirida durante o percurso do trabalho e é a partir dele e das reflexões feitas nos intervalos que os alunos irão compor o tecido de leitura. Será mais como uma conversa, uma troca entre pessoas que acabam de passar por uma experiência em comum e têm muito a aprender com o outro. Ao se apropriar da ferramenta diário de leitura, o aluno poderá dialogar com o texto lido, isso favorecerá no desenvolvimento das capacidades envolvidas na compreensão do texto.

A reflexão que propomos fundamenta-se nas noções dos estudos de letramento literário que evidenciam os modos culturais heterogêneos de fazer sentido a partir do texto, de modo que a proposta de nosso trabalho não está atrelada a exercícios de compreensão de textos, como costumeiramente vemos ocorrer no tratamento dado à literatura nas séries finais. Entendemos que a concepção de leitura nos dias atuais, acaba supervalorizando a escrita e desconsidera a importância da oralidade no âmbito da prática de letramento, isso faz com que



a escola valorize sobretudo a língua escrita como prática desvinculada do processo sociocultural e histórico.

Por esse motivo temos que ter a preocupação e o cuidado ao falarmos de formação. Pois, conforme Zilberman (1990, p. 49), “[...] formar não é moldar, dar consistência ao que não existe, ignorando a história anterior dos sujeitos participantes do processo pedagógico ou das instituições a que se integram”. Nesse sentido, faz-se necessário repensar nossas aulas de literatura, de modo que estas se façam significativas e levem em consideração “[...] a diversidade de ritmos, de capacidades de compreensão, de abstração, de concentração dos alunos” (AGUIAR, 2003, p.253). Não queremos fazer de nossos alunos leitores obedientes, que preencham fichas ou reproduzam com eficácia enunciados textuais, pelo contrário, queremos leitores que sintam-se instigados, desafiados pelo texto, que produzam sentidos e dialoguem com o que leem.

Por fim, o letramento literário sugerido por Cosson (2014), adota como princípio a construção de uma comunidade de leitores

É essa comunidade que oferecerá um repertório, uma moldura cultural dentro da qual o leitor poderá se mover e construir o mundo e a ele mesmo. Para tanto, é necessário que o ensino da Literatura efetive um movimento contínuo de leitura, partindo do conhecido para o desconhecido, do simples para o complexo, do semelhante para o diferente, com o objetivo de ampliar e consolidar o repertório cultural do aluno (COSSON, 2014, p.47-48).

Conforme o que foi dito, era preciso criar essa comunidade de leitura para que pudéssemos dar conta de movimentar e expandir tais leituras. Para isso, tínhamos que transformar a sala de aula em uma comunidade de leitura, espaço intersubjetivo, lugar de debates interpretativos e carregado de polissemia.

3. Diários de leitura, a percepção do aluno

O encontro com a literatura é um momento único que nos proporciona uma amplidão de saberes, imagens, emoções... No entanto, esse movimento só é possível quando extrapolamos os limites, preenchemos os vazios do texto e a partir das pistas fornecidas pela obra, somando-se às nossas experiências, construímos sentidos. Desse modo,



A leitura é um jogo em que o autor escolhe as peças, dá as regras, monta o texto e deixa ao leitor a possibilidade de fazer combinações. Quando ela faz sentido, está ganha a aposta. Mas isso só acontece porque o leitor aceita as regras e se transporta para o mundo imaginário criado. Se ele resiste, fica fora da partida. (AGUIAR, 2003, p.254)

Ao propormos trabalhar com o letramento literário, queríamos que nossos alunos entrassem nesse jogo, e mergulhassem nesse mundo de cores, odores, sabores e formas intensamente humanas que a literatura é capaz de proporcionar.

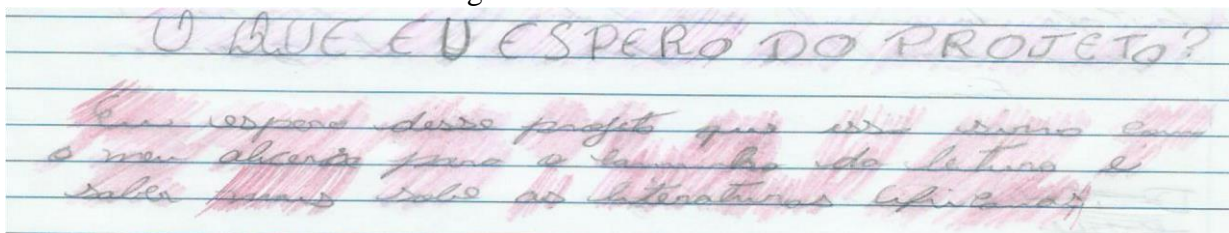
Pudemos perceber, no decorrer do trabalho, a relevância do diário de leitura para a concretização da proposta, pois auxiliou na sistematização das impressões pessoais e análise da obra, fez com que os alunos demonstrassem interesse pela leitura literária, considerando-a forma de expressão da cultura de um povo e se interessassem por trocar informações e percepções com outros leitores.

Os jovens experimentaram o registro como uma prática de apoio ao processo de compreensão e sistematização das leituras e, acima de tudo, como apoio para as participações durante os intervalos.

Com o intuito de mostrarmos um pouco do que visualizamos na trajetória de nossos sujeitos leitores, reproduzimos alguns trechos dos seus diários, para mostrar, à luz das teorias que discutem a leitura do texto literário, a percepção que esses jovens leitores tiveram da obra *Bom dia, camaradas*.

O primeiro texto revela-nos as expectativas dos alunos em relação ao projeto.

Figura 3 - Diário aluno 3²



FONTE: Arquivo da Autora.

Ao dizer que anseia que o projeto sirva de alicerce para o caminho da leitura, temos a impressão que o aluno está à procura de uma base, de algo que o motive a trilhar essa

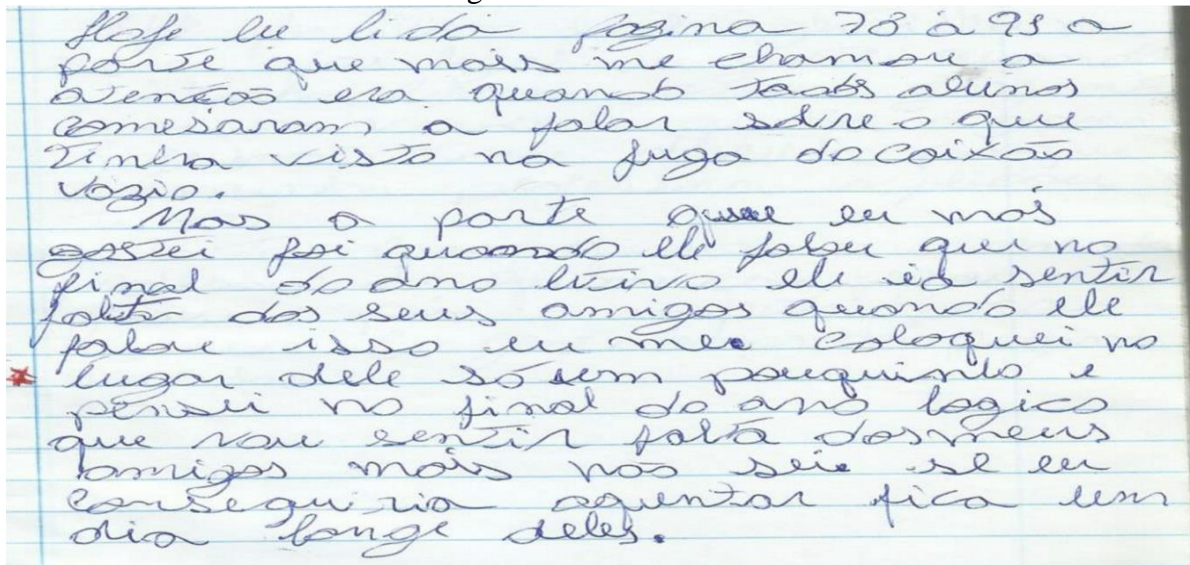
² Transcrição: "O que eu espero do projeto? Eu espero desse projeto que isso sirva como o meu alicerce para o caminho da leitura e saber mais sobre as literaturas africanas".



caminhada, que lhe trará mais conhecimentos, principalmente sobre as literaturas africanas. Pelo que pudemos observar, não só no caso desse aluno em questão, mas de uma maioria na sala de aula, o contato com o livro e a sequência de atividades propostas, deixou-os instigados.

Neste outro fragmento, temos a primeiro momento, a colocação dos alunos em relação ao que acharam interessante nas páginas lidas, posteriormente, o posicionamento, incluindo-se na cena, imaginando passar pela mesma situação.

Figura 4- Diário aluno 4³

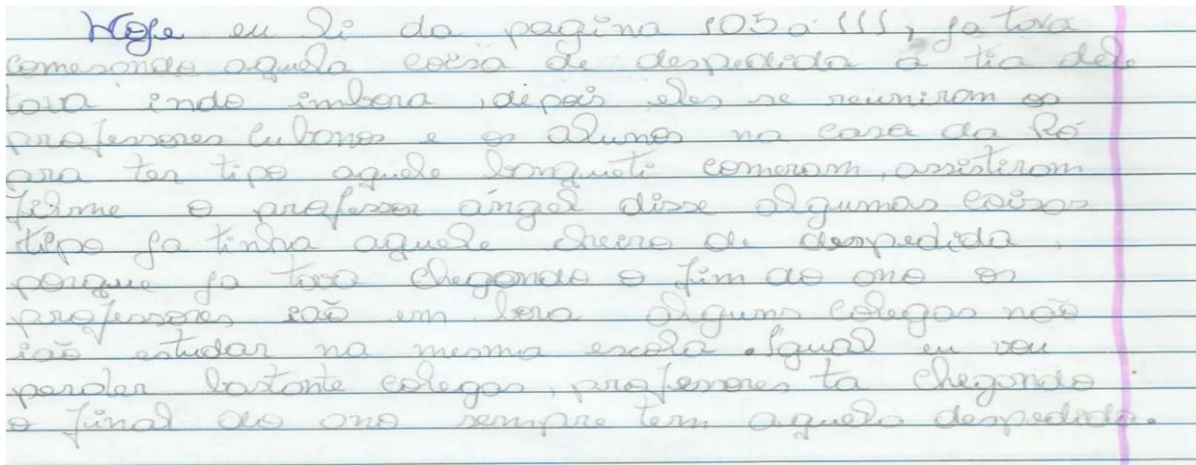


FONTE: Arquivo da Autora

figura 5- Diário aluna 5⁴

³ Transcrição: "Hoje eu li da pagina 78 à 91 a parte que mais me chamou a atenção era quando todos alunos começaram a falar sobre o que tinha visto na fuga do caixão vazio. Mas a parte que eu mais gostei foi quando ele falou que no final do ano letivo ele ia sentir falta dos seus amigos quando ele falou isso eu me coloquei no lugar dele só um pouquinho e pensei no final do ano logico que vou sentir falta dos meus amigos mais não sei se eu conseguiria aguentar fica um dia longe deles."

⁴ Transcrição: "Hoje eu li da pagina 105 a 111, já tava começando aquela coisa de despedida a tia dele tava indo embora, depois eles se reuniram os professores cubanos e os alunos na casa da Ró pra ter tipo aquele banqueti comeram, assistiram filme o professor angel disse algumas coisas tipo já tinha aquele cheiro de despedida, porque já tava chegando o fim do ano os professores vão em bora alguns colegas não vão estudar na mesma escola".



FONTE: Arquivo da Autora

Nas palavras dos alunos, podemos perceber que “[...] a literatura é plena de saberes sobre o homem e sobre o mundo” (COSSON, 2014, p. 16). Reside aí o fato de nos aproximarmos do que o autor disse, de ter a sensação de viver aquele momento descrito. De acordo com o autor

Na leitura e na escritura de um texto literário encontramos o senso de nós mesmos e da comunidade a que pertencemos. A literatura nos diz o que somos e nos incentiva a desejar expressar o mundo por nós mesmos. E isso se dá porque a literatura é uma experiência a ser realizada. É mais que um conhecimento a ser reelaborado, ela é a incorporação do outro em mim, sem renúncia da minha própria identidade. (COSSON, 2014, p. 17).

Ao se colocar no lugar do outro o aluno imagina-se a si mesmo. Isso só é possível através do caráter socializador da literatura, uma vez que, esta, só se faz no diálogo com seu receptor (AGUIAR, 2003, p. 245), a força do texto literário está justamente nesse encontro entre leitor e obra.

Ressaltamos, além disso, que aproximação com a obra pode estar relacionada ao fato de o narrador ser um menino que na escola passa pelos mesmos dilemas enfrentados por nossos adolescentes. Nesse caso, a despedida dos amigos, dos professores, como disse a aluna no segundo fragmento, o “cheiro da despedida” estava no ar. Característica do romance de Ondjaki, o lirismo sinestésico aparece em toda a narrativa, dando-nos essas impressões de cheiros, gostos e cores. Em entrevista ao Contracorrente, Ondjaki declara:

“Descobri em BDC que as crianças, eram os amigos e os aliados do narrador. Pode até ser viciante, contudo, esse narrador, onisciente,

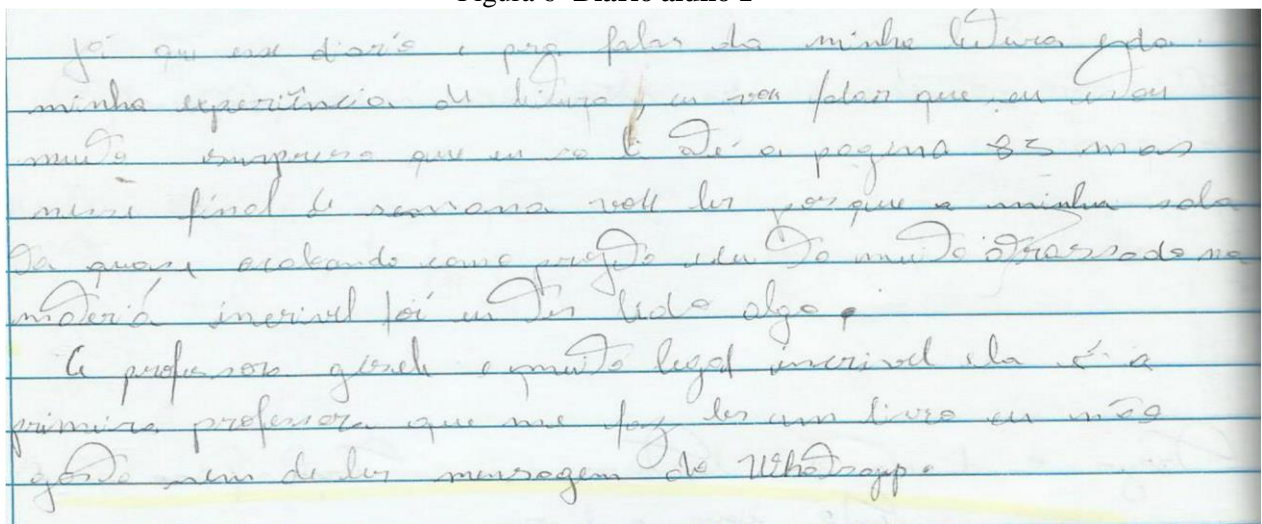


semiinocente, semicruel, tendenciosamente predisposto a defender o “suspense” da narrativa, ele aparece-me sempre que viajo à infância. E vem carregado de mãos dadas, com amigos, momentos, episódios, cheiros, linguagens e conexões afetivas que não posso evitar”. (Ondjaki, Entrevista).⁵

Pelo que foi exposto, temos convicção de que a escolha da obra e os encaminhamentos que demos às atividades os agradou. De acordo com Faria (2012), o leitor estabelece uma relação emocional com a história e com as personagens que transcende a realidade. A autora compara o texto a uma partitura musical que produz vibrações e acordes diferenciados em cada leitor, resultando várias interpretações de uma mesma partitura. Isso ocorre porque cada um lê com base na sua própria experiência e sensibilidade.

É comum ouvirmos de nossos alunos o discurso de não saber ler, muitas vezes, se excluem das atividades antes mesmo de começar, por medo ou vergonha, não sabemos. Essa imagem cristalizada do apagamento do leitor, muitas vezes acontece por falta de oportunidades. Quando damos ao aluno a possibilidade de poder se inserir no processo, ele o faz. Como é o caso do aluno que se descobre capaz de ler um livro.

Figura 6- Diário aluno 1⁶



⁵ Entrevista a Carmen Lúcia Tindó Ribeiro Secco (UFRJ). Disponível em: www.periodicos.uea.edu.br/index.php/contracorrente/article/view/200 . Acesso em: 02/09/2014.

⁶ Transcrição: “Já que esse diário é pra falar da minha leitura e da minha experiência de leitura, eu vou falar que eu estou muito surpreso que eu só li até a página 85 mas nesse final de semana vou ler porque a minha sala tá quase acabando com o projeto e eu tô muito atrasado na matéria incrível foi eu ter lido algo. A professora Gisele é muito legal incrível ela é a primeira professora que me fez ler um livro eu não gosto nem de ler mensagem de whatsapp.”

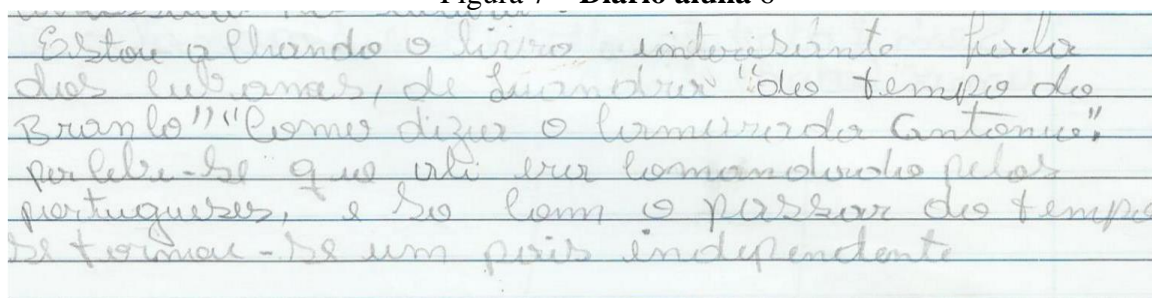


FONTE: Arquivo da Autora

O aluno se diz surpreso, pois conseguiu chegar até a página 85, além disso, faz a reflexão dizendo estar atrasado em relação a outros colegas, diz que precisa terminar. O fato de achar incrível ter lido algo, dá um tom de descoberta, a descoberta de algo que estava escondido em algum lugar, só precisava ser motivado. Cosson (2014) esclarece que cabe ao professor criar condições para que o encontro do aluno com a literatura seja uma busca plena de sentido para o texto literário, para o próprio aluno e para a sociedade em que todos estão inseridos.

Avancemos um pouco mais em nossa análise para a questão que, a princípio, como colocamos em nosso relato, parecia desconhecida por nossos alunos. Dissemos que quando tratamos da colonização, a maioria da turma garantiu que não tinha ouvido falar ou não se lembrava do assunto. Pois bem, no trecho a seguir vamos perceber que a aluna incorporou em seu discurso essa compreensão, tanto que ressalta ter achado o livro interessante por esse motivo. Vejamos:

Figura 7 – Diário aluna 6⁷



FONTE: Arquivo da Autora

Na obra, o camarada Antônio é uma espécie de governante da casa onde mora o personagem principal. Nos diálogos entre ele e o menino, fica-nos a impressão de que ele sentia falta dos tempos do colonizador, e não confiava muito na política atual.

Mas, camarada Antônio, tu não preferes que o país seja assim livre? (...) O camarada Antônio respirava primeiro. Fechava a torneira depois. Limpava as mãos, mexia no fogo do fogão. Então dizia:

⁷ Transcrição: "Estou achando o livro interessante fala dos cubanos, de Luanda "do tempo Branco" "Como dizia o camarada Antonio." percebe-se que ali era comandado pelos portugueses, e so com o passar do tempo se tornou-se um pais independente".



- Menino, no tempo do branco isto não era assim... (ONDJAKI, 2014, p. 11).

Notemos que para falar do “tempo do branco”, o camarada Antônio faz todo um ritual, é como se tivesse rememorando aquele tempo. Ele dizia que havia trabalhado para um português, um senhor diretor, bom chefe, que o tratava bem. Está aí uma questão que merecia ser discutida, o que seria esse “tratar bem” naquele contexto? Várias outras questões poderiam ser tratadas nessa obra, pois ela é riquíssima, infelizmente, seria preciso muito mais tempo para conseguirmos tal façanha.

Um assunto que não apareceu com frequência no registro dos alunos foi a guerra, talvez porque com o evento do caixão vazio e as outras aventuras do menino narrador isso não tenha ficado tão explícito, ou pelo fato de ser algo distante da realidade deles, mas é importante frisar que o autor tece uma crítica sutil a esse momento que marca a vida dos luandenses. Isso é perceptível no trecho:

É impressionante, eu costumava observar isso nas provas de EVP desde a quarta classe, toda a gente desenhava coisas relacionadas com a guerra: três pessoas tinham desenhado akás, duas tinham desenhado tanques de guerra soviéticos, outros fizeram makarov’s [...] Desenhar armas era normal, toda a gente tinha pistolas em casa, ou mesmo akás, senão, sempre havia um tio que tinha, ou que era militar e mostrava o funcionamento da arma. (ONDJAKI, 2014, p. 126).

Nota-se a presença da guerra nos relatos do narrador, de alguma forma, ela estava presente no imaginário das crianças, que mesmo não tendo vivenciando aquele momento, concretizavam o que imaginavam através de seus desenhos. No entanto, o autor é capaz de desenvolver uma narrativa muito bem equilibrada, em que aspectos políticos e históricos são tratados de modo singular.

Nos diálogos vivos, e quase sempre engraçados, que se desenrolam entre as crianças ou entre elas e os mais velhos, a grande personagem resulta ser a Angola pós-colonial e, de forma mais concreta, a Luanda do período, onde se desenrolam as piadas e onde se deixam entrever, embora de forma apenas sugerida, os conflitos a serem enfrentados pelo país. (SCHMIDT, 2009, *apud* ROCHA, 2013, p. 35).

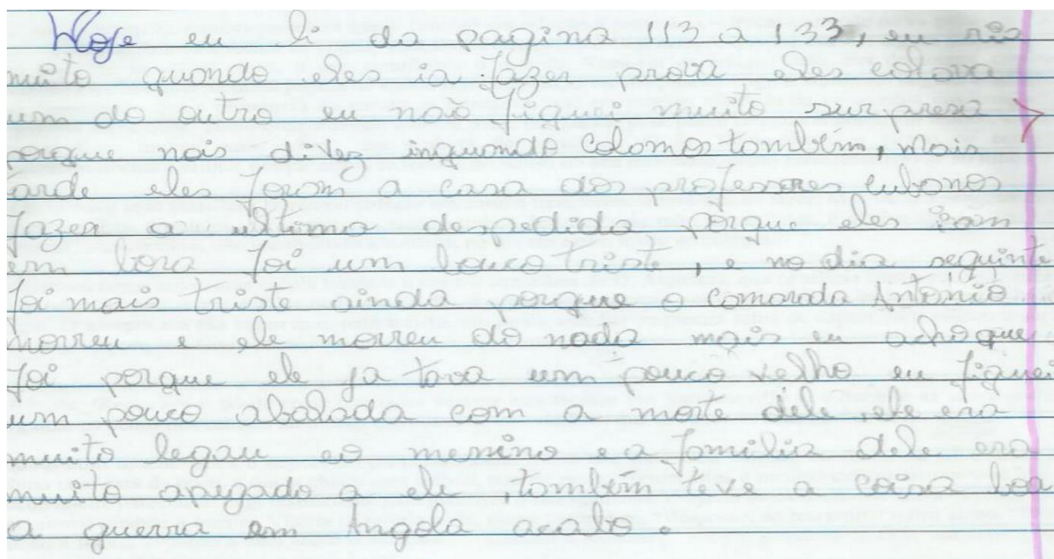
Para Schmidt (2009), *apud* Rocha (2013, p. 34), a escrita de Ondjaki em *Bom dia, camaradas* se destaca pelo seu tom “crítico, celebratório e eivado de humor”. Dessa forma,



parece-nos que nossos alunos encontraram-se com esse tom humorístico, não deixando transparecer muito essa criticidade da obra em suas leituras.

No trecho que veremos a seguir, uma de nossas alunas, registra suas impressões a respeito da parte que fala sobre como os alunos se comportavam nos dias de prova, declara que não ficou surpresa pois esse comportamento era idêntico aos dos alunos daqui, incluindo-se, pois diz “*nois di vez inquando colamos também*”, mas a parte que nos chama mais a atenção é quando ela revela o sentimento de tristeza ao saber da morte do camarada Antônio.

Figura 8 - Diário aluna 5⁸



FONTE: Arquivo da Autora.

Ao dizer que ficou abalada com a morte do camarada Antônio, dá-nos a impressão de uma proximidade muito forte com a narrativa. Demonstrando-nos que o leitor sentiu afinidade com a obra a ponto de se emocionar, ao transpor os limites da realidade, entendemos que o leitor entrou no jogo, construindo sentido para sua leitura. Mas, segundo a aluna, não teve só coisa ruim, teve também a coisa boa. A guerra em Angola acabou. Vemos aí que mesmo de forma sutil, a guerra se mostrava presente no romance e, de certa forma, cremos que os alunos

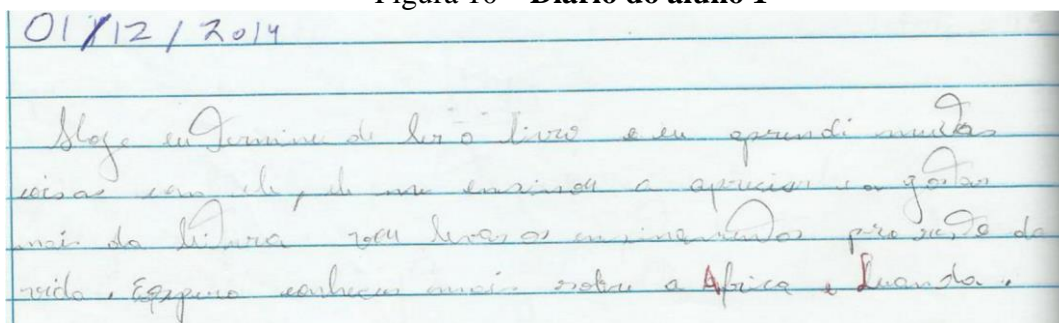
⁸ Transcrição: “Hoje eu li da pagina 113 a 133, eu ri muito quando eles ia fazer prova eles colava um do outro eu não fiquei muito surpresa porque nois di vez inquando colamos também, mais tarde eles foram a casa dos professores cubanos fazer a ultima despedida porque eles iam em bora foi um pouco triste, e no dia seguinte foi mais triste ainda porque o camarada Antonio morreu e ele morreu do nada mais eu acho que foi porque ele já tava um pouco velho eu fiquei um pouco abalada com a morte dele, ele era muito legal o menino e a familia dele era muito apegado a ele, também teve a coisa boa a guerra em Angola acabo.”



entenderam um pouco o que é viver em um lugar que sabemos ser nosso, mas governado por outros.

Para finalizar essa breve análise, trazemos aqui, a declaração mostrando a certeza de que a experiência com a leitura do livro jamais será esquecida.

Figura 10 – Diário do aluno 1⁹



FONTE: Arquivo da Autora

Chegamos ao final da leitura do livro, pelos relatos podemos verificar que ficaram coisas boas no imaginário de nossos alunos. A leitura da obra, a priori vista como um desafio e com olhares de esguelha, agora feita, tornou-se motivação, inspiração para outras leituras.

Fica claro também, a mudança no olhar dos alunos em relação à África. Ao caminharmos pelas ruas de Luanda com Ondjaki, pudemos conhecer outros modos de vida, outras culturas, como disse nosso aluno. O documentário *Oxalá, cresçam pitangas*, o conto *A menina Vitória*, mostraram outros momentos da cidade de Luanda, outros contextos que acabaram enriquecendo e ampliando o conhecimento de nossos jovens.

Sabemos que o caminho para se formar um leitor proficiente vai além de oferecer uma obra, ou de buscar algumas estratégias para o trabalho com o texto literário, mas sabemos também de todas as dificuldades que encontramos nos dias de hoje para lidar com a leitura, principalmente com a leitura de literatura. No entanto, quando olhamos para o trabalho feito, quando vemos essas declarações tão sinceras, sentimos uma felicidade, uma sensação boa que nos faz acreditar em nosso trabalho. É apenas o começo... uma tímida tentativa de encantar nossos meninos e meninas pelas vias da leitura. Em tempos de

⁹ Transcrição: "Hoje eu terminei de o livro e eu aprendi muitas coisas com ele, ele me ensinou a apreciar e a gostar mais da leitura vou levar os ensinamentos pro resto da vida. espero conhecer mais sobre a África e Luanda".



desesperança na educação, lançamos esta sementinha, para mostrar esse universo até então desconhecido por nossos alunos, para mostrar que a África tem coisas maravilhosas e para reforçar que trabalhar com a diversidade é o caminho para uma educação que se pense igualitária.

Oxalá, nasçam bons frutos, daquilo que semeamos!

4. Considerações Finais

Entendemos a escola como lugar potencializador da existência, de circulação de saberes e de conhecimento, no entanto, sabemos que existe, em nosso contexto escolar, um currículo que ainda apresenta muitas lacunas no que se refere às questões históricas, culturais, geográficas, linguísticas e científicas que deem embasamento à grande diversidade racial em nosso país. O trabalho docente deve, então, orientar-se para além do que pregam os currículos escolares, atentando-se para a integração de saberes e à ruptura de barreiras. E com intuito de unir o ensino de Literatura e a aplicabilidade da lei 10639/03, desenvolvemos nossa proposta acreditando na força humanizadora da literatura.

O encontro dos alunos com outras culturas, outros povos, foi possível através do trabalho com as literaturas africanas de língua portuguesa. Eles puderam perceber, durante nossa trajetória a diversidade que a África abarca, não só diversidade cultural, mas também uma grande diversidade literária. Mesmo tendo como foco um escritor angolano, citamos vários outros escritores das literaturas africanas de língua portuguesa e deixamos claro que cada país teve seu projeto literário, mas que muitas coisas se imbricavam, pelo fato de terem sido dominados muito tempo por Portugal.

A escrita no diário de leitura auxiliou os alunos não só na sistematização de suas impressões pessoais sobre a obra lida, mas também trouxe benefícios no que diz respeito à familiaridade com o texto escrito, notamos que alunos que tinham muita dificuldade para expressar seu posicionamento através da escrita, com a feitura do diário, tiveram um desenvolvimento considerável. Como o diário era um instrumento pessoal, os alunos sentiram-se mais à vontade para se expressarem. É importante ressaltar que durante as análises dos trechos dos diários, íamos nos dando conta de como é possível fazer de nossas aulas momentos ricos de aprendizado. O diário de leitura, mesmo não sendo instrumento de



avaliação, serve-nos de ferramenta importante para diagnosticar e pensar estratégias para o ensino da escrita. É claro que, de forma nenhuma utilizaríamos o texto literário para tal atividade, mas as necessidades seriam detectadas e as ocorrências mais pontuais, em momento propício, poderiam ser trabalhadas.

Esperamos, com nossa proposta, traçar estratégias de leitura que possam amenizar a problemática distância entre a literatura e os alunos do ensino fundamental. Não queremos aqui dizer que os professores não ensinam literatura, entretanto, reforçamos a ideia de que é preciso ensinar literatura na escola de maneira adequada, não descaracterizando-a, mas ressignificando-a, para que esta sirva de força motriz para a formação humana e social dos indivíduos. Do mesmo modo que as estratégias de leitura são significativas para os alunos, precisamos ter uma concepção que vá ao encontro de nossos objetivos e isso só se faz possível se atrelarmos teoria e prática. Feito isso teremos uma formação sólida e poderemos trabalhar com segurança e com esperança de possíveis transformações.

5. Referências

- ABREU, Márcia. **Cultura letrada**: Literatura e cultura. São Paulo: Editora UNESP, 2006.
- AGUIAR, Vera Teixeira de. Leitura Literária e escola. In: EVANGELISTA, Aracy Alves Martins; BRANDÃO, Maria Brina; MACHADO, Maria Zélia Versiani Machado (Org.). **A Escolarização da Leitura Literária**: O jogo do livro Infantil e Juvenil. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.
- BORDINI, Maria da Glória; AGUIAR Vera Teixeira de. **Literatura: a formação do leitor**: alternativas metodológicas. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988, 176 p.
- CANDIDO, Antônio. O direito à Literatura. In: _____. **Vários escritos**. Rio de Janeiro/São Paulo: Ouro sobre Azul/Duas Cidades, 2004. p.169-191.
- COLOMER, Teresa. **Andar entre Livros**: A leitura literária na escola. Tradução Laura Sandroni. São Paulo: Global, 2007.
- COSSON, Rildo. **Letramento literário**: teoria e prática. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2014.
- CUNHA, Maria Zilda. A estética do Labirinto na Produção para Crianças e Jovens. **Revista Ecos**. Literaturas e Linguísticas. Cáceres-MT, Ano VII, n. 9, p.107-126, 2010.
- ONDJAKI. **Bom dia, camaradas**. 1º ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.
- PADILHA, Laura Cavalcante. **Novos pactos, outras ficções**: ensaios sobre literaturas afroluso-brasileiras. Porto alegre: EDIPUCRS, 2002. 353 p. (Coleção Memórias das Letras).



ROCHA, Jane Vieira. **As margens da experiência:** os miúdos e os mais velhos na narrativa de Ondjaki. 2013. 140 f. Dissertação (Mestrado em Teoria Literária) – Programa de Pós- Graduação em Literatura, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2013.

<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/107043/319469.pdf?sequence=1>.

Acesso em: 10/08/2014.

SOARES, Magda. **A escolarização da Literatura Infantil e Juvenil.** In: EVANGELISTA, Aracy Alves Martins; BRANDÃO, Maria Brina; MACHADO, Maria Zélia Versiani Machado (organizadoras). *A Escolarização da Leitura Literária: O jogo do livro Infantil e Juvenil* - 2. Ed., 1ª reimp.- Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

SOUZA, Ana Lúcia Silva. **Um olhar sobre a reeducação das relações etnicorraciais.** Revista Via Atlântica: publicações das áreas de estudos comparados de literaturas de língua portuguesa, São Paulo, nº18, p.125-132, 2010.

ZILBERMAN, Regina; SILVA, Ezequiel Theodoro. **Literatura e Pedagogia:** ponto e contraponto. Porto Alegre: Mercado Aberto,1990, 64p.

ZILBERMAN, Regina. O papel da Literatura na escola. Revista Via Atlântica. São Paulo, nº 14, p. 11-22, 2008. Disponível em ww.revistas.usp.br/viaatlantica/article/view/50376/54486